

## REGIONAL

# Casarões levados de Mimoso

*Turistas, inclusive estrangeiros, vão à cidade atrás do material de construção dos casarões, que é transformado em novas residências*

ALESSANDRO DE PAULA

**C**ACHOEIRO – A beleza dos casarões antigos de Mimoso do Sul e de municípios vizinhos tem agradado tanto aos turistas, principalmente os estrangeiros, que muitos deles não se contentam apenas em vê-los. Querem levá-los junto ao deixarem a cidade. Foi isso que aconteceu com pelo menos dois imóveis da região.

Um dos casarões demolidos é hoje um luxuoso restaurante em Ruzios (RJ). O outro, localizado em Apiacá – município desmembrado de Mimoso em 1958 –, já parcialmente em ruínas, foi adquirido por um italiano, desmanchado e está sendo transformado em um palacete em Muqui.

Para evitar a demolição de imóveis, técnicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) fazem o levantamento da situação dos casarões de Mimoso e iniciam o processo de tombamento federal.

Dos 44 imóveis tombados pelo Conselho Estadual de Cultura

no sítio histórico de São Pedro do Itabapoana – entre prédios urbanos e casarões do interior – pelo menos quatro não existem mais, lamenta o dono de antiquário e funcionário municipal Balbino Miguel Nunes.

Localizado em Mimoso do Sul, terra do consagrado ator Stênio Garcia, São Pedro ainda preserva as características de antigo vilarejo, com ruas construídas pelos escravos em pedras pé-de-moleque e casas multicoloridas.

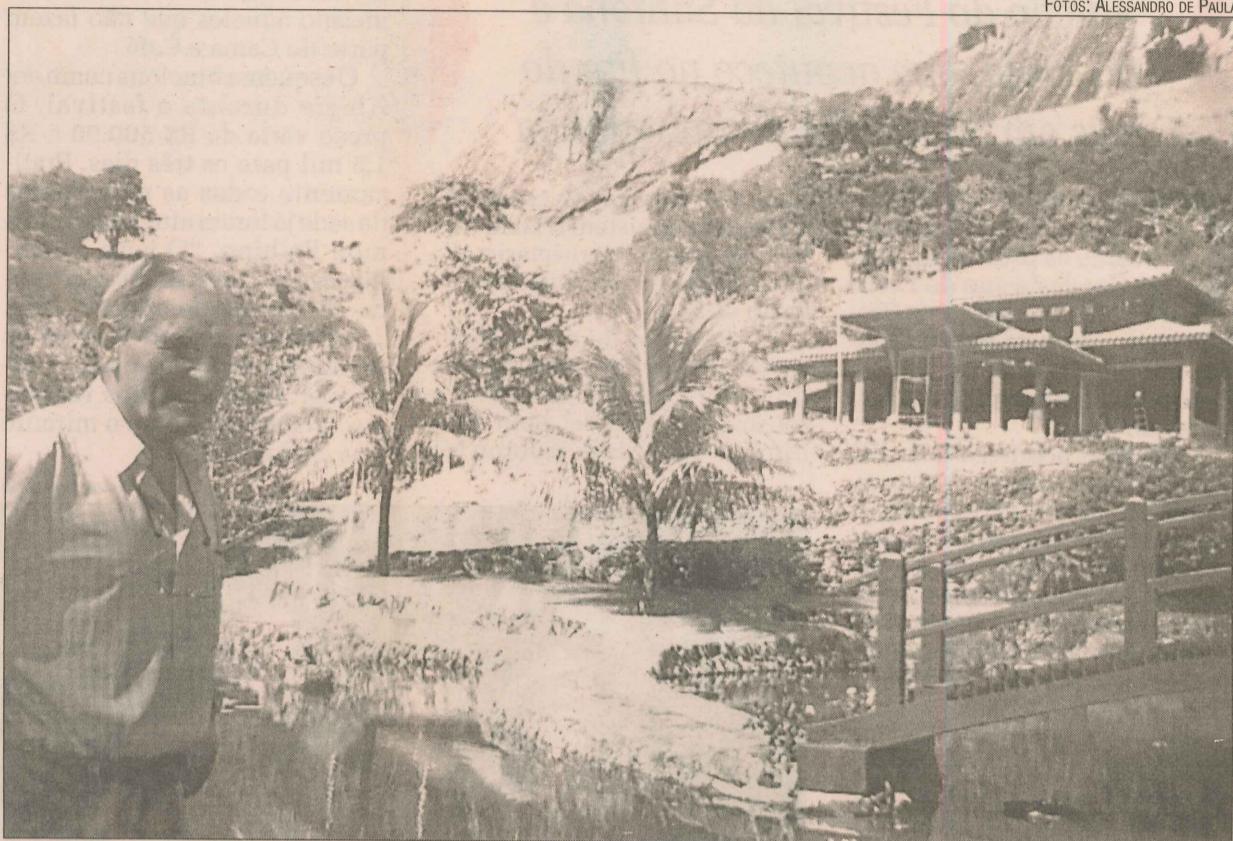
O problema é que a manutenção destes imóveis antigos é cara e trabalhosa. Alguns moradores, como o produtor rural Sebastião Sérgio Sobreira Prucolli, 57, dono da Fazenda Santa Rosa, e Maria

Moulim Carvalho, da Fazenda Independência, lutam com recursos próprios para conservar a beleza dos casarões.

Sem a devida conservação, ao longo dos anos vários imóveis foram cedendo à ação do tempo e de cupins. Sem condições para reformar os casarões, herdeiros vendem os imóveis do jeito que estão.



Fazenda Santa Rosa: preservada



Giulio Dessanti, proprietário do Sítio do Dragão, constrói a casa-sede com material de casarões

## Escombros viram palacete

**CACHOEIRO** – Toras de madeira, tijolinhos, telhas, janelas, portas, trincos, fechaduras. Partes do antigo casarão da fazenda Seios de Abraão, em Apiacá, e de outros imóveis em ruínas se transformaram em uma bela arquitetura em estilo colonial, em fase de construção, no município de Muqui.

De propriedade do italiano Giulio Dessanti e da estilista Tânia Alves, o Sítio do Dragão – nome dado em função da montanha que, forçadamente, lembra um dragão – localizado no vale da Serra da Morubia, parece um pedaço do paraíso.

São quatro casas. Logo na chegada, a residência que seria

do caseiro serve como moradia para o casal e a filha Júlia, de 7 anos. Ao lado, um pequeno apartamento suíte. Mais acima, uma outra residência, onde estão instalados a lavanderia e o depósito.

E no alto, o que dentro de um ano será a sede: uma casa com 350 metros quadrados de área construída, com três suítes, salas de jantar e de estar, uma grande área de serviço e um jardim interno com 36 metros quadrados. A obra é acompanhada de perto por Giulio.

Nascido em Trieste, na Itália, Giulio está no Brasil há 30 anos. Trabalhou no País como diretor de uma companhia escocesa de

uísque e se aposentou. Mudou-se para Muqui há 16 anos e conheceu a estilista Tânia Alves, com quem se casou.

“Sempre gostei de antiguidades e ficava triste ao ver as fazendas abandonadas. Então tive a idéia de aproveitar o material para construir uma casa dentro do sítio que tinha comprado”, lembra.

A propriedade toda tem 15 hectares de terra. Cinco hectares foram urbanizados por Giulio, onde foram instaladas as casas, jardins, piscina e a lagoa artificial; e pouco mais de três hectares serão transformados em lavoura de café. O restante está sendo mantido na forma original.

Amauri/Editoria de Arte

### O DESTINO DOS CASARÕES

Dezenas de casarões estão abandonados no interior de Mimoso do Sul e região vizinha, largados à ação do tempo e dos cupins.

Sem condições financeiras para recuperar os imóveis, os donos muitas vezes vendem com toda mobília.

Boa parte dos compradores é formada por empresários e estrangeiros interessados em construir uma casa em outras regiões do País com peças de época.

Das casas, quase tudo é aproveitável, desde as madeiras que formam a base do imóvel às telhas. Também são retirados assoalhos, tijolinhos, portas, janelas, forros, entre outras peças do casarão, além do mobiliário.

Depois da demolição, feita com todo o cuidado, as peças da casa são transportadas em carretas para o destino, onde serão remontadas.

Com a ajuda de um arquiteto e fotografias do antigo casarão, as peças são utilizadas na construção de uma nova casa, mas com aspecto antigo.



Balbino Nunes mostra os escombros de um casarão de Mimoso

## Beleza transformada em ruínas

**CACHOEIRO** – Fazendas centenárias estão desaparecendo de Mimoso do Sul. O casarão-sede da Fazenda Criméia e a Fazenda Jacutinga são duas vítimas do abandono e já não existem mais.

Em seus lugares, restam apenas entulhos, buracos no chão onde ficavam as toras de madeira que sustentavam as casas de importância histórica.

Segundo moradores, os donos originais das fazendas perderam suas posses para os colonos, como pagamento de dívidas. Estes, por sua vez, venderam as propriedades e partiram do local.

Atualmente, as terras pertencem

ao dono de uma rede de supermercados da Grande Vitória, que transformará grande parte da propriedade em pastagens.

A Fazenda Criméia possui dois casarões. A casa-sede, depois de demolida, foi vendida ao dono da Fazenda Santa Rosa, o produtor rural Sebastião Sérgio Sobreira Prucolli, 57, que utiliza parte do material para restaurar seu casarão principal, que também tinha sido abandonado pelo antigo proprietário.

Outro lindo casarão é a sede da Fazenda Palestina, próximo à sede de Mimoso que, aos poucos, se transforma em ruínas.

## Restauração ainda é sonho distante

**CACHOEIRO** – Ainda não há um planejamento definido, por parte dos órgãos estaduais, visando à restauração dos imóveis.

O Conselho Estadual de Cultura, o órgão responsável por discutir ações de conservação cultural e realizar o tombamento de prédios e estruturas antigas, está desativado, enquanto passa por processo de reestruturação.

A proposta da Secretária de Estado da Cultura é iniciar um trabalho de conscientização junto aos moradores. A ação faz parte do programa para preservação e revitalização do patrimônio cultural.

A secretária da Cultura, Neuza Mendes, por meio de sua assessoria, informou que o governo já tem conhecimento da venda e demolição dos antigos casarões e que o problema foi detectado em diversos municípios.